



É a sala de aula mais cheia e agitada visitada na reportagem: são 37 alunos.

Valparaíso
Chile

Valparaíso é um cidade litorânea, repleta de morros. A escola fica no alto de um deles e é agraciada com uma bela vista do Oceano Pacífico.

População:

275.982

dados estatísticos de 2002 da prefeitura de Valparaíso

Oração é terapia



ção que forma pessoas
opinião.

Laura Maldonado
Professora General Básica
Chile - Valparaíso.

S

ão sete e meia em uma manhã travestida de inverno no outono de Valparaíso, no Chile. Meninos e meninas em silêncio, com os queixos apontando para o chão, começam a orar. Não há estátuas de santos nas paredes ou velas acesas. Eles estão em sala de aula, na escola Nações Unidas, em um momento que prenuncia as regras matemáticas esplanadas pela professora Laura Maldonado Mejías.

Não fossem os traços dos rostos – narizes achatados, olhos rasgados, faces arredondadas –, essas crianças poderiam ser brasileiras moradoras da periferia de qualquer metrópole, a valer-se de seus problemas. Famílias desfeitas, pais presos, mães drogadas, relapsas, ausentes, vivendo entre tábuas erguidas fingindo ser casas. Fatores que poderiam rapidamente transformar esses pequenos em farrapos humanos desestruturados que vemos absorvidos diariamente pelo submundo.

– Por a escola ficar em um bairro carente, há mais crianças em estado de vulnerabilidade. Temos muitas que não vivem com o pai ou com a mãe. Moram, às vezes, com tutores, um tio, um parente mais afastado – relata a professora.

– Não posso propor uma atividade em sala de aula que envolva o pai ou a mãe, porque nem todos os terão. Tenho que ter muito cuidado – complementa.

Não seria difícil que um historiador ou antropólogo se perdesse na data em que escola, igreja e família se viram em pó na tentativa de manter-se como pilares da sociedade. A iniciativa da professora, em propor uma reza matinal, antes dos ensinamentos curriculares, está longe de qualquer inclinação para doutrinar crianças em uma crença ou religião. A oração caminha entre as classes como um regulador, um balizador, uma voz em uníssono que emparelha todas as crianças. Trata-se de um artifício que não as deixe pensar que são as únicas a ter aqueles tipos de problemas.

– Na nossa rotina diária de oração, todos os alunos dão graça e pedem por coisas bem sinceras. Por exemplo, pelo pai que está preso. Isso gera uma relação de confiança mútua entre eles, porque oram pelas razões mais particulares. O clima que se forma é de respeito, ensinando-os a escutar o outro – conclui a professora.

Guardadas as proporções, é como se as crianças se reunissem e falassem abertamente sobre conflitos e dilemas particulares em sessões de terapia em grupo, deixando escapar pela boca seus angústias ocultas até mesmo – ou principalmente – ao familiar mais próximo.

Nessa panela de pressão que é conduzir uma vida sem referências tradicionais de famílias, as agressões aos colegas poderiam facilmente compor parte do cotidiano da escola. O que seria um ambiente propício para violência acaba tornando-se uma oportunidade de crescimento intelectual, de cultivo de valores. A figura de Laura entra aqui também.

– Costumo trabalhar em cima de uma história em que havia um menino que batia nos outros. Assim eu consigo provocar uma conversação sobre o assunto. Com o conto, o aluno vai entendendo que ele mesmo pode ser vítima de agressão, e começamos a trabalhar a empatia (colocar-se no lugar do outro). Isso funciona com os pequenos. Eles opinam, inclusive, dizendo que não se deve fazer isso – revela.

Ela gostaria de, em 20 anos, recuperar a tríplice de família, criança, sala de aula.

– Esse é o caminho. Mas, para isso, nós, educadores, teríamos que fazer um acordo sobre o que queremos para as nossas crianças. Mesmo que muitos colégios tenham sua visão e a sua missão, os alunos e professores as veem apenas como um papel escrito, sem assumilas de verdade – opina.

Enquanto isso, as crianças finalizam seus pedidos, orando: